

O SARDÃO

EDITOR, DIRECTOR E PROPRIETARIO

Antonio J. Cachada

Redacção e administração

R. Infante D. Henrique, 5 e 7

Composição e impressão

Tipografia de «O SARDÃO»—Barcelos

PUBLICA-SE NOS DIAS EM QUE SAÍR

FOLHA ILUSTRADA, INDEPENDENTE, COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

A NOSSA DIVISA—Trazer a cobrança em dia, para conhecer os bons pagadores

7.º ANO

Barcelos, Março de 1916

N.º 54

O COMPROMISSO

Nestas tremendas calamidades que dia a dia se veem acentuando originadas pela conflagração Europeia, não tem Barcelos, infelizmente, deixado de ser atingido pela forma mais terrível e assustadora.

Emquanto por todas as partes se berra por falta de generos de primeira necessidade, enquanto lá para Traz os Montes não ha milho para pão e, nos maiores centros, ovos para omelettes e recheios de pasteis, Barcelos, graças ao Compromisso em que muita gente está comprometida, macaqueia com estas coisas serias e brinca com a fartura.

Com a fartura ?!

Sim, com a fartura !

A principio era a crise dos ovos que eram tão poucos e tão caros que trez mercados eram abastecidos por este fruto do ventre galinaceo.

Na administração do concelho vendiam-se ovos, na feira vendiam-se ovos, na Praça de D. Pedro V, vendiam-se ovos e, nas entradas da vila, as regateiras compravam ovos. A crise foi medonha !

Se houve ou não Compromisso nos ovos é que nós ainda não sabemos, mas é de crêr que se o nosso impagavel Zé Mula tivesse os ovos comprometidos os traria ainda em suspensorio e não acabaria com as leis de excepção que tanta abundancia originaram de tão apreciavel producto.

A crise da abundancia, como vêem, tem sido assustadora.

Com o milho succede outro tanto e a abundancia dêste cereal no nosso mercado tem dado que fazer ao

mesmo historico democratico videirinho Zé Mula.

Ha milho nos armazens dos açambarcadores, ha milho nos depositos administrativos, ha milho com fartura nos mercados e ha milho em muito celeiro a vêr no que param as modas. E tudo isto porque? Graças ao Compromisso !

Se não fosse o Compromisso não teriamos tanto milho comprometido, não se falaria sequer de milho e a mesma crise que assustou os apreciadores do ovo de que já ninguem fala, com que o se Zezinho começou a macaquear, e que continua correcta e aumentada com o milho, facilmente seria remediada rasgando nas ventas estanhadas do seu autor o Compromisso e acabando com a fita applicando-lhe no fundo das costas uma leve biqueirada para não mais explorar a fartura e não mais bolir com o que bem está.

Para os exploradores, para os que se servem das ocasiões para se locupletarem, fariamos nós o Compromisso de os trazer presos por cabresto curto.

Tem sido medonha a crise da fartura no nosso concelho !

Mas peor que a crise da fartura tem sido a crise de escrupulos, de caracter e honradez que tudo tem conduzido para o arranjismo que por aí se está vendo.

Carta de Barcelinhos

Barcelinhos, 31 de fevereiro (ano bissexto)

O meu barometro cerebral tem oscilado ultimamente, acusando um grau elevado na columna alcoolica do de Torres.

—A maior novidade cá da terra foi a nova pintura applicada á frontaria do edificio da padaria Calixto.

Não sei se *aquilo* foi a escariola ou pintura a oleo natural, o que sei é que o cheiro não me era desagradavel porque quando me descalço sinto sempre perfume igual.

—Os enchurros continuam a mudar de itinerario, e a enveredar *por caminhos nunca d'antes navegados*.

O Calixto é impotente para os manter na ordem, e tem já o requerimento feito a pedir o auxilio da guarda republicana com as respectivas *pêras*... para mandar o enchurro aos centros geradores.

—Os proprietarios da *Casa Grandela* coadjuvados pelo regedor dos Penedos e pelo Cabeleira, procederam á plantação de 20 mil pés de bananeiras e 300 milheiros de couve murciana na ampla avenida da Carniçaria, afim de solenisar a festa da arvore.

A pedido do sôr Albino meu colega nas lides jornalisticas e em tudo, plantou-se junto a cada uma d'estas *arvores* exoticas, um exemplar raro de feijão de atrepa e outro de tomates de todo o ano para florirem o tronco das novas plantações.

—Devido ás ultimas cheias deu-se um conflicto acquicola entre o rio Cavado e as azenhas do se Lemos de que resultou ficar a roda grande com um braço amputado e o Cavado com as barbas de molho.

Não houve prisões devido a não haver barcos no momento psicologico.

Consta que o Cavado que andava a mar, foi recolhido no posto de Socorros a Naufragos de Espozende,

—No proximo domingo gordo, tenho projectado dar um batuque nos salões do meu *Club*, para o que já convidei todos os berlatas meus semelhantes e cujo programa, se não fór alterado por motivo imprevisto, será assim constituido: 1.ª parte—O rica prima aberta, aberta (solo de piano), Arroz de frango com todos os matadores (terceto de garfo, colher e faca)—Dança do urso ao natural (pelos assistentes). 2.ª parte—O vira-me a labita (duo de saxofone), Guisado de vaca galo arroz (composição de *Water-Closet*), Dança dos apaches (pelos manos Grilos). Reina grande animação por este baile ficando o selo a cargo do publico.

Ao de leve

Snr. Director de «O Sardão»:

Hoje de manhã, entre um forte aguaceiro e o ribombar de um trovão, senti bater fortemente a porta da minha casa.

Mandei saber quem por tão inhospitativo tempo me procurava, e eis que me anunciaram dois aguazis da administração do concelho. Que queriam tão respeitáveis creaturas, da minha humilde pessoa? Nada mais, nada menos que saberem quanto em minha casa se consumia, diariamente, de milho,

Fiz os meus calculos contando as galinhas, que felizmente tenho em abundancia, os patos, os perús, os gatos, um burro, um cavallo, uma vaca, dois carneiros, uma cabra, dois porcos, dois creados e cinco creadas, e mandei dizer a suas excelencias a quantidade de milho que reputo necessaria para me sustentar, aos meus creados, á minha bicharia. Claro é que não contei os canarios, pintasilgos, cochichos e varias outras aves canoras que alegam a minha casa, porque não comem milho. Por esquecimento tambem não falei nos pombos que possuo em grande quantidade, nem no papagaio e na arára que muito apreciam tambem o seu grãosinho de milho cosido.

Os homens, verdadeiramente atrapalhados com a quantidade de milho que lhe mandei dizer dispndia, responderam á boa da creada:

O snr. administrador, ouviu bem? O snr. administrador não permite que os animais comam milho! Nós queremos unicamente saber o gasto que o patrão faz com o seu sustento.

A creada, pasmada de espanto com tal ordem, perguntou-me:

—O' patrão; então eu, a Maria, a Josefa, a Joaquina, a Ana, o José e o Francisco, somos animais?

—Claro, rapariga, sois tão animais como eu e como o snr. administrador!

—Sim, sim, mas o patrão pode comer milho, e nós, sendo animais, como o patrão diz, temos de deixar de o comer por ordem do snr. administrador!

—Isso pode lá ser, rapariga!

—Foi o que os homens disseram. «Animas que comam couves e farelo».

—Estás enganada, rapariga; então a palha, a herva, a fava e a cevada ficam só para eles?

—«Covues e farelo». Foi o que eles disseram.

—Não, rapariga, os homens não te podiam dizer isso. Disseram-te, certamente, que *milho* mas daquele *milho* sonante, só eu estava condenado a gastar, sem fazerem referencia ao grão que tão atrapalhadinho traz o snr. administrador, os açambarcadores, os seus compadres e amigos. E a prova é esta: d'onde vem o farelo?

—Pois está visto, patrão, vem do milho, do trigo, do centeio, ou de qualquer outro cereal que se moia e se peneire.

—Ora aí tens, rapariga! Para haver farelo é preciso haver farinha e para haver farinha é preciso moer o grão! Por certo que o *ilustre magistrado* não hade querer que se coma o farelo e se desaproveite a farinha, a não ser que ele se sustente só de pipas.

—Mas, ó patrão, é para que quer ele saber quanto se gasta de milho?

—E' para responder ao Albino que na sua estatística se esqueceu de contar o gado dos alquiladores, os pavões da Chacara Paulista, os papagaios da D. Zefa, a mula branca da carroça do lixo, e o reprodutor quando aqui está em goso de ferias.

—E se ele se enganou nas contas?

—Se se enganou para mais e o milho sobrar, divide-se em rações pelos dois, e se se enganou para menos, ficam a couves e farelo, como quer o snr. administrador, e já o milho sobra para os outros comerem convertido em herva.

Aqui tem snr. director de «O Sardão» o que se passou hoje dia um de março de mil novecentos e desasseis, em minha casa, e que me apresso a comunicar-lhe para que fique arquivado nas colunas do seu humorístico jornal.

De V...

A tudo isto não fazemos comentarios mas não dispensamos uma advertencia: Se aqui nos aparecer o snr. administrador a perguntar-nos quanto gastamos de milho, julgamos no direito de lhe perguntar tambem quantos alqueires foram exportados de S. Bento, quantos saem diariamente de Barcelos, quantos tem armazenados e se na questão do milho não andarâ o seu bocado de feijão.

Isto vae mal!!!

*Isto vae mal, muito mal,
E' tudo uma pagodeira,
Mas como é Carnaval
Vamos lá p'râ chuchadeira.*

*Officios e demissões,
Ameaças aos rosarios.
Não são uns bons coraçãoes,
Lá os taes snrs. mesarios?*

*A presidencia, a bondade,
Talqualmente outro Leote.
Impõe-se p'la heroicidade,
Conduz tudo no seu bote.*

*E a mesa, coitadinha,
Lá foi levada na lèria?!...
Pois se ela é inocentinha,
Não tem voto na materia!!!*

*Mas como tão pouco amor,
Entre gente tão talássa?
E' receio que o pintor,
Lhe torne a pintar a graça?*

*Não. Como agora ha lá-patos,
N'essa santa confraria,
Andam a contas c'os gatos
Na Real secretaria.*

*O' anjo da caridade,
O' alminhas do Senhor,
Fazei-nos este milagre:
Dae juizo ao provedor.*

MUZEU

- A caixa das esmolas da Senhora da Ponte.
- O capote á alentejana do Paes de Faria.
- A folhinha de trevo da padaria José de Souza.
- A carnavalesca pintura das portas do *restaurant* Vicente.
- O desesperado tapa-tolde dos Armazens Grandela, barcelinense.
- O bolorento scenario do teatro.
- A frontaria do Circulo Catolico.
- Os novos vidros da *marquise* do se Lemos.
- As vitrines-oratorios do «Bazar do Povo».
- O banco á Luiz XV da redação de «O Cavado».
- A minuscula pasta do Lapato.
- Os stores rendilhados da Repartição de Finanças.
- A capinha á S. Jorge do *Lórdinho*.
- O avantajado lapis do Centro.
- A placa da rua Emidio Navarro.
- O jardim presidencial.
- A bandeira do «Bazar do Povo».
- O inseparavel rafeiro do sôr Albino.
- O matagal de silvedo das Torres.

SENADO MUNICIPAL

Estava a linda Ignez posta em socego quando o Antas, acabadas as penas e os trabalhos, abriu a porta para dar entrada aos espantelhos.

Foi uma sessão memorável, uma sessão genial, tudo isto em homenagem ao velho *Rei* Carnaval.

Tudo trajava em *costume* e de rosto folião; veio o *Chêdas*, do estrume com um valente pifão. Moço alcaide, moço alcaide, gritava o Antas contente, vinde vêr que reinação vae aqui em toda a gente.

Viva a Santa Juventude, viva o *circuo* e a folia, dizia o amigo Vilas, padre nosso, Ave-Maria.

Ramalhete, Ramalhete, quem o tem chama-lhe seu, foste mandado p'ra rua como um preverso judeu.

Os zeladores desfadados, berravam todos irados:—Hoje ha grande liberdade p'ra galinhas e cevados.

O busto desrespeitado, a chorar, deu este brado:—Chorae fadistas, chorae, que o meu tempo já lá vae.

N'esta altura o se Zezinho tão chôcho como um figuinho, disse assim ao busto amigo:

Não chores mais ó meu filho que eu não deixo sair o milho.

E o busto respondeu:—Ai que dôr, que grão paixão! ao que ele lhe retorquiu:—Não fales no que saiu; p'ra tua consolação tens d'ovos um pastelão.

A seguir começa o baile com quadras ao desafio:

Antas

O' Barcelos, ó Barcelos
O' Barcelos, ó vadio;
Caiste da ponte abaixo
Foste beber agua ao rio.

Vilas

O' infante suavissimo,
O' meu amado Jesus.
Vinde, vinde já ao mundo,
P'ra vêr as obras da luz.

Chêdas

Eu deitei da ponte abaixo
Os socos d'ir ao estrume
Apareceram logo os barbos.
A comel-os n'um cardume.

Ramalhete

Ando triste, pesaroso,
E o porquê, sabem vocencias?
E' por causa de no circulo,
Ter de fazer conferencias.

Os zeladores

Esta vida trabalhosa
Faz-nos do corpo um pandeiro
O vinho melhor d'agora
E' da venda do Ligeiro.

O busto

Pobre de mim, coitadinho
Para aqui estou despresado
Se não fosse o se Zezinho
Já eu 'staria algemado.

Se Zezinho

Hoje é dia d'orelheira
De pagode e de chouriço,
Ovos, milho, roubalheira
Graças ao meu compromisso.

«O Sardão»

Todos metidos n'um molho
Segurinho e bem atado
E mandal-os ao Gaiolas,
Não seria um bom achado?

Inauguração dum telefone

O nosso correspondente alfacinha que todos os dias nos manda para a posta restante os telegramas da ultima hora, informou-nos ha tempos de certos annos de um presidente encravado que d'alli fugiu a tonificar-se com os ares patrios.

Os correligionarios que o ficaram a vêr por um canudo choravam largamente a sua auzencia e incumoiram o chefe de, na inauguração do telefone, lhe dizer algumas coisas doces e convidá-lo a adoçar a boca a vêr se assim ele voltava á regencia do pagode. O trama surtiu efeito e o despeitado lá voltou meigo e sorridente esquecendo agravos e ofensas aos da sua grei.

Mas quando ele todo delambido subia a tribuna e se sentava na cadeira de alto espaldar alguém na sua carteira o satirisava dedicando-lhe esta quintilha:

Manuel do riso liso,
Manuel do riso lesto,
Não sei qual é mais preciso:
Se ter talento no riso
Se ter talento no resto.

Não acham que isto é uma bela produção para um arquivo de *arte-sacra*?

Scena do bastidor

Entre aplausos gerais findára o acto. Na platêa faziam comentario Do desempenho e luxo do seu fato. Do mérito da peça e do scenario.

Para sauda-la um batalhão compacto De amantes, inclusivê o empresário, Esperava na caixa timorato Que ela trocasse a roupa, o vestuário.

Baldado intento! O pálido galan Repete a scena ao vivo com afan No camarim, beijando-lhe a madeixa.

O pano vai subir; porém que importa? E quando o contra-regra bate á porta Mal pôde a bela responder á deixa.

J. Junior.

BERLÁTAS DIVINOS

Para desagravo das blasfemias e follas pagãs reuniram em grande numero os jovens messias do Circulo da Juventude dos Estudos Sociaes.

O primeiro a deitar asneira foi o Costinha do sê Quintas que obrou sobre o tema Deus e Patria.

O snr. Meira que tinha de deitar *pio* sobre a existencia de Deus, não pôde comparecer devido a um agradável passeio á Afurada, onde provou o belo de o *sangue de Cristo*.

Foi muito palmeada a sua falta.

N'um dos proximos domingos ouviremos o melodioso som da voz do sôr Gomes, do Brito, que versará o tema seguinte:—

Qual será melhor? O bacalhau sueco neutro, ou o Inglez aliado?

Seguir-lhe-ha na perlanga a voz soluçante do Rufininho que demonstrará o mal que «O Sardão» causa ás naturezas sufragistas.

E o Janeiro? Não seria bom ele demonstrar o efeito dos pós de *Keating* nos *chatos* da Juventude?

Que boa palmatoria?

Cesto das asneiras

O ilustre politico democratico-evolucionista, independente, sôr Carneiro de Gual ex *Senador Manc*

O Sardão

pal, e orador sacro dos zoofitos, ether, luz e amor dedilhados na arpa ardente do grande epico Camões, enviou-nos o seguinte manuscrito, para o fazermos transmitir ao seu destino:

Amigos e senhores:

Em frente á barbearia Abade

BARCELOS

Pedia-lhe o favor de me copiar este telegrama num impresso e mandar para o dito

Alfredo Magalhães

Honte li Republica, validada tua eleição, é destes paladinos que a Republica necessita para sua consolidação.

Teu amigo

Ignacio Carneiro.

Efectivamente este telegrama que logo mandamos ao dito é como a borboleta iriada que volita em volta do oazis da Azia que mata a sêde ao viandante.

Bravo sôr Carneiro dê-lhe assim, e Deus lhe dê muita bolota.

GRANDE SOLEMNIDADE

DAS

Sessenta e nove horas

Em desagravo das irreverencias profanações e sacrilegios que o se Zezinho sofre com a actual crise do milho.—

DOMINGO GORDO, 5 DE MARÇO

A's onze horas da manhã em casa do Gaiolas haverá chá.

A's 12 horas ou meio dia tudo meterá o focinho na pia.

A' 1 hora os zeladores e zeladoras municipaes cantarão o não chores Micás que também vaes.

A's 2 horas a Congregação Mariana, cantará no côro a Rosa Tirana.

A's 3 horas adoração dos agregados á bolsa dos abonados.

A's 4 horas adoração dos mesarios que cantarão como canarios.

No fim desta primeira festa haverá vespersas e sêrmão, orelheira e salpicão ensopado com feijão sob a regencia do Padre João.

SEGUNDA E TERÇA FEIRA DE ENT. JUDO, 6 E 7 DE MARÇO

Haverá os mesmos actos de piedade e o jogo do snr. abade.

Haverá também de manhã uma pratica, com dois dedos de gramatica, repiques de carrilhão, laranjas do salvação, refrescos a capilé servidos pelo Pirolé, chocolates e sardinhas por ser coisa sem espinhas; e por fim para untar as molas, as asneiras do Gaiolas.

—E' este o programa elaborado para os tres dias de carnaval além das cavaliadas, batalha de flôres, serviço de bouf. t na sacristia e saquinhas de milho oferecidas pelos açambarcadores, para a razão de muitos doutores sem deixar sitio para um greirinho ao serafico se Zezinho.

Até que enfim

Ao «Cavado», novo jornal que ha pouco tempo veio á publicidade, temos a agradecer a sua permua, que é muito para estimar, visto ser o unico jornal da terra que se dignou dar-nos esta honra. Os outros não nos conhecem...

EDITAL

O cidadão Zé Mula Marombeiro Furta Côres, bacharel formado pela Universidade da Manigancia e subdito fiel da Confraria de S. Francisco:

Faz saber a todos os analfabetos, surdos mudos e cegos de nascença que adopta as providencias abaixo indicadas, com o fim de promover a desordem publica e assegurar a saída de milho nos tres dias de Carnaval:

1.º—E' proibido deitar vomvas, gazes asfixiantes, e liquidos gomosos nas Ooras,

nas Torres, atraz dos Terceiros e atraz dos Matadouros que possam manchar os vestuarios quando algem por ali se encoste com intuitos sinistros.

2.º—Os objetos permitidos no jogo das escondidas, serão conduzidos em recato e não poderão ser arremessados fóra depois de terem sido usados, afim de não causarem escandalo na visinhança.

3.º—Não é permitido lançar outros objetos que não sejam os que eu n'este edital prohibo.

4.º—A exhibição de paródias á minha pessoa, alusões ás minhas acertadas medidas, cortejos carnavalescos de corretôres com malinhas de vomvas e catrapiscadelas á proprietaria do estojo de barba roubado, só serão permitidas depois dos seus promotores terem regressado a casa.

5.º—E' proibida a apresentação de mascaras com trajos á Gaiolas, bem como para não ofender a moral e os bons costumes, o uso de cara rapada, pois pode haver confusões com a minha serafica figura.

6.º—N'este dia toda a gente será rica porque é proibido pedir, a não ser ao Senhor cabelo.

7.º—As pessoas mascaradas que se me queiram dirigir deverão levantar os braços ao ar, e fazer o signal da cruz com o dedo polegar da mão direita, para não me causar sustos.

8.º—Todos os objetos destinados a divertimentos carnavalescos, cujo emprego possa contrariar estas disposições, serão presos á minha ordem e conduzidos ao quartel da Guarda Republicana, afim de serem enviados para um Museu de «Arte Sacra».

9.º—Pelas contravenções verificadas nas casas publicas, hotéis, etc., e outras onde o publico tenha acesso livre, respondem os respectivos directores caso haja creada em projéto de descendencia ou qualquer outra pessoa que nos cosinhados encontre espinhas.

10.º—Os contraventores das disposições do presente edital, incorrem nas penas de desterro para os pênedos do enxofre ou a trabalhos forçados nas obras da luz e plantação das cerejeiras.

Para constar se passa o presente, a fim de o Gaiolas o tornar publico na proxima catequese.

Barcelos, 26 de fevereiro de 1916.

E eu Sarramica Mandão Borrinhas Bisborrias, secretario o subscrevi.

Zé Mula Marombeiro Furta Côres.

CINEMATOGRAFO

Grandioso festival haverá no Carnaval, no Teatro Gil Vicente, aonde irá toda a gente. Conjéti e serpentinas, raminhos e dançarinas, foguetes do Laranginha, pasteis da Clarinha e forminhas da Temudo n'estes tres dias de Entrudo. Não falem á brincadeira, pois ha lá boa orelheira.